



Romeo Ernesto Riegel

Membro da Agla
romeoernestoriegel@gmail.com

O Gramado in Concert 2026

Em fevereiro, os turistas faltam e os gramadenses ficam reduzidos a eles, mesmos. Só que esse ano Allan John Lino, Leandro Libardi Serafim e o célebre maestro João Carlos Martins nos trouxeram fraternas e muito ilustres companhias. E o Gramado in Concert acordou nossos mais íntimos silêncios.

Ao embalo de nossa Orquestra Sinfônica, e gravitando em torno de sua excelência, foram envolvidas mais de 30 oficinas para 400 alunos, atendidos por 30 exponenciais professores, e de jovens solistas, tudo acrescido pe-

la atuação de renomados intérpretes vocais ou de execução instrumental, selecionados entre 22 Estados brasileiros e de mais 14 outros países. Emitindo um som erudito que só Gramado sabe cantar.

Mas o lado comunitário não fica restrito a sofisticados salões culturais. Espalha-se pela periferia da cidade e interior, testemunhando que nossa cultura não sabe usar apenas trajes de trabalho competente, mas também os da gala mais refinado.

Misturando essas formas de se mos-

trar surge uma página daquilo que Gramado é. Ela se expõe como peça fundamental na qualificação do atual e bem-sucedido turismo de eventos e o claro encaminamento para o turismo de luxo.

Nesse ano, foi testemunhado que a cidade está preparada para bem se conduzir frente à compressão das multidões. Mostrou que as ações neste sentido podem reunir dinheiro com bom gosto, obras com amor a terra e a música como doce sonoridade de seu sucesso.

Coach e gestão de pessoas
lenorasan8@gmail.com



Lenora Santos

Gramado, estou de volta

Passei um período no Rio de Janeiro, onde vivi outros ritmos e experiências, mas nunca me desconectei de Gramado. Meu retorno é escolhido e alinhado ao momento de vida.

Mesmo durante esse período fora, os vínculos com a cidade nunca se romperam. Aqui mantive minha pequena “família”, muitos amigos e pessoas queridas. Continuei atendendo clientes da cidade, escrevendo para o Jornal de Gramado, vindo lançar meus livros e participando de projetos culturais, como a MiniArte International, pelo

grupo da Rita Gil - Gramado.

Os laços sempre estiveram vivos. Retorno para dar continuidade ao meu trabalho com coaching pessoal, profissional, executivo e esportivo, atuando com treinamentos para líderes, gestores e equipes de trabalho, especialmente, nas áreas da hotelaria, gastronomia e varejo, mantendo parcerias construídas com respeito mútuo.

Sigo desenvolvendo trabalhos voltados às mulheres, a partir do Manual de Sustentação Interior, e contribuindo com projetos sociais da cidade.

Gramado é uma cidade marcada pela qualidade das pessoas, pela segurança e por uma vida social, cultural e filantrópica riquíssima, valores que fazem parte de quem eu sou e do modo como escolho viver.

E, além de tudo isso, em Gramado sigo jogando Pickleball, esporte ao qual hoje me dedico, em quadras públicas e no Jedai Pickleball Club.

Enfim, volto pela reconexão com as pessoas, pelo estilo de vida e pela disposição de contribuir com alegria. Com gratidão.

Jornalista
gilbertojasper@gmail.com



Gilberto Jasper

O meu, o seu, o nosso dinheiro

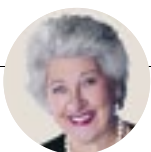
O gasto total do governo federal com emendas parlamentares atingiu R\$ 45,4 bilhões em 2025, levando em conta o pagamento das emendas referentes ao ano passado e restos a pagar de anos anteriores. Em 2024, o montante foi de R\$ 42,6 bilhões. A leitura de 2025 corresponde ao maior valor da série histórica, iniciada em 2015. Os dados constam em artigo de Bráulio Borges. O texto é recheado de dados estarrecedores do que é feito com o nosso dinheiro.

O orçamento aprovado pelo Congresso no final do ano passado previa

R\$ 61 bilhões em 2026, mas o presidente Lula vetou pouco mais de R\$ 7 bilhões. Gesto demagógico para a campanha eleitoral e gerou protestos dos congressistas. No Brasil, quem não tem mandato parlamentar ou trabalha no governo, sofre para colocar comida na mesa e irrigar os cofres públicos. A arrecadação bate recordes sucessivos, mas a voracidade de Brasília é insaciável para bancar os programas assistenciais. O “pais dos pobres” vocifera em defesa dos necessitados, mas somos nós que pagamos a conta com novas taxações.

Se o Brasil adotasse a regra vigente nos Estados Unidos, que desde 2021 limita as emendas a 1% das despesas discricionárias, os gastos deveriam ter sido de R\$ 2 bilhões, ou seja, 4,4% do valor pago no ano passado. O gigantismo assumido pelas emendas é tremendamente antidemocrático. Quem tem mandato parlamentar distribui bilhões do nosso dinheiro. Como disputar um mandato contra aqueles que distribuem emendas? Se diz que não há financiamento público de campanha, mas as emendas, por acaso, não são dinheiro público?

Consultora de etiqueta e gastronomia
heda@artecozinha.com.br



Heda Seffrin

Origem do carnaval

As origens do carnaval têm sido buscadas nas mais antigas celebrações da humanidade. Dizem que nasceu no Egito, passou pela Grécia e Roma e desembarcou no Brasil no século 17, com a migração vinda das ilhas portuguesas. O carnaval se caracteriza por festas, baile de máscaras e manifestações folclóricas.

No Brasil, foi chamado de entruído derivado do latim *introitus*, que significa entrada. Com a influência dos portugueses na Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, chega a brincadeira das loucas correrias, água com limão,

bexiga d'água, assim como os foliões jogarem água uns nos outros. Depois surgiram as serpentinas, os confetes que chegaram ao Brasil em 1892, substituindo brinquedos menos desejáveis (como água) entre os foliões.

O primeiro baile ocorreu em 1840, no Hotel Itália, no Rio, ao som de valsa, quadrilha e habaneras. Mas foi em 1848, que o sapateiro português Zé Pereira, com seu conjunto de bumbos e tambores animava o carnaval. Os cordões e blocos originaram as escolas de samba. A primeira delas chamava-se “Deixa Falar” e transformou-se na

escola de samba Estácio de Sá. A partir daí, o carnaval de rua se expandiu com desfiles, escolas de samba, sem esquecer dos bailes de salão com a marchinha *Ó Abre Alas*, de Chiquinha Gonzaga.

Na Bahia, em 1895, nascia o primeiro afoxé: estava inventada a batucada. O primeiro trio elétrico foi de Dodó e Osmar. O primeiro rei momo foi o compositor Silvio Caldas, instituído como símbolo do carnaval. A mistura da tradição europeia com os rituais africanos criou no Brasil um dos maiores espetáculos do mundo: o carnaval.

Suzana Kunz

Publicitária
suzanakunz.1958@gmail.com



Indiferentes

Cheguei à pequena sala de espera junto aos outros pacientes, todos com olhos grudados no celular. Sentei e, antes de pegar o meu na bolsa, me chamou atenção um vaso de porcelana clara que servia de recipiente para uma orquídea, único objeto que pretendia adornar o pequeno recinto. Colocada em uma mesinha, me chamou atenção a camada de pó que revelava a artificialidade da flor. Por baixo daquele véu de poeira, dava para admirar a tentativa de imitar perfeitamente a natureza. Apoiada em pequeno caule emergindo de uma folhagem de um verde já levemente apagado, culminava em pétalas brancas que se abriam em precisão geométrica e se encontravam ao centro no labelo de um rosa escuro.

Não resisti à tentação de tocá-la, no fundo querendo ver e sentir como se pareceria se não estivesse coberta de pó. En-

tão friccionei levemente a extremidade de uma das pétalas com o polegar e indicador. Embora de superfície fria e uniforme, havia um toque suave e contínuo. Foi neste exato momento que me dei conta de que poderia estar sendo indiscreta naquela sala junto aos outros pacientes, embora, ao levantar os olhos, percebi que enquanto meus dedos deslizavam sobre a pétala plástica, todos ali movimentavam polegares sobre as telas dos celulares.

Então fiquei pensando que por vezes podemos nos tornar totalmente invisíveis, fazendo parte de uma paisagem previsível. Um simples olhar de interesse genuíno quem sabe possa fazer diferença na vida de alguém, a ponto de sentir-se com mais vida. Quantas pessoas olhamos, mas não enxergamos por dias, meses, anos? São como flores de plástico, cobertas pelo pó da indiferença.

Gregório José

Jornalista, radialista e filósofo
gregoriojsimao@yahoo.com.br



Entre curtidas e o vazio

As ruas continuam cheias, mas perderam o som das conversas, o choque dos olhares, o reconhecimento do outro. Caminha-se em fluxo, como se todos obedecessem a um comando invisível: cabeça baixa, olhos fixos na tela. O que antes parecia distração passageira hoje é modo de vida.

Especialistas em comportamento social alertam: não estamos apenas mais conectados, estamos emocionalmente deslocados.

As relações humanas foram terceirizadas para plataformas digitais, que oferecem vínculos rápidos, descartáveis e, sobretudo, seguros. Seguros porque não exigem presença, escuta ou responsabilidade afetiva. A emoção virou produto; o afeto, espetáculo. Chora-se por artistas inalcançáveis, acompanha-se com devoção o que comem, vestem e exibem,

como se isso pudesse preencher vazios íntimos cada vez maiores.

Enquanto isso, a realidade doméstica fica em segundo plano. Contas atrasadas não viralizam, painéis vazios não rendem engajamento. Há quem saiba tudo sobre a vida de uma pseudocelebridade, mas não o nome do vizinho. Há quem discuta reality shows com paixão e ignore decisões políticas.

A alienação não é acidental; é estimulada. Troca-se cidadania por entretenimento, consciência crítica por torcida. A solidão cresce disfarçada de conexão. Nunca se compartilhou tanto e nunca se escutou tão pouco. O mundo segue lotado de gente e vazio de presença, conectado, porém isolado, enquanto a vida real vai sendo abandonada em um silêncio cada vez mais ensurdecedor.